

Discurso do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, na cerimônia de lançamento do PAC nas áreas de saneamento e urbanização no estado do Rio de Janeiro

Rio de Janeiro-RJ, 02 de julho de 2007

Se os companheiros me permitirem, eu gostaria de cumprimentar todos os prefeitos, na pessoa do nosso governador Sérgio Cabral.

A nominata é muito grande, eu teria 11 páginas para ler, aqui, só de nominata. E eu queria dizer aos nossos queridos prefeitos que, desde que nós tomamos posse, em 2003, nós temos estabelecido uma relação cidadã com as prefeituras. O meu desejo, e em parte já está acontecendo, e o que estamos fazendo aqui, hoje, é o contrário do que era feito antes, em que ficavam os governantes lá em Brasília à espera de que os prefeitos saíssem mendigando uma ajuda para a sua cidade, batendo na porta, de gabinete em gabinete. Muitas vezes, só conseguiam audiência se fossem levados por um deputado. Muitas vezes, só conseguiam audiência se tivesse alguém que conhecesse alguém para introduzi-lo na reunião com o ministro. E nós achamos que era melhor a gente vir ao Rio de Janeiro. Em vez de os prefeitos irem a Brasília, vamos ao Rio de Janeiro conversar com os prefeitos, porque as cidades precisam, cada vez mais, ganhar importância no cenário político brasileiro.

A segunda coisa que eu queria dizer para você, Sérgio, é que não é qualquer governante, ao longo da história, que teria preocupação com o saneamento básico. Esse negócio de colocar manilha embaixo da terra, que não permite a você colocar o nome de um parente na manilha porque vai enterrar, nem todo político gosta de fazer.

Entretanto, nós temos consciência que é essa política, de uma coisa enterrada embaixo da terra, que pode salvar a vida de milhões de crianças neste País, que pode melhorar a vida de milhões de pessoas. Levar água tratada para as pessoas beberem é a gente garantir que as pessoas possam viver uma vida mais digna.

Eu, na minha infância, ia para um açude pegar água, tinha que repartir o espaço com uma cabra, com um cavalo, com uma vaca que estava lá fazendo

as suas necessidades. Era aquela água que pegava para beber e não tinha filtro – era colocar num pote, esperar ela assentar, depois de assentada colocar em outro pote – e, era aquela água que a gente bebia. Por isso é que a gente era tudo barrigudinho, as perninhas finas, que era, na verdade, verme que a gente acumulava e que muitas crianças acumulam hoje, se a gente não cuidar de levar água tratada para as pessoas.

Eu, quando vejo as pessoas falarem de enchente, eu tenho três episódios na minha vida, Sérgio. Eu morei num bairro chamado Vila Carioca, em São Paulo, um bairro importante, uma vila do Bairro do Ipiranga, lá perto do Museu do Ipiranga, e quase todo ano tinha uma enchente. Naquele tempo, eu tinha 14 anos de idade e utilizava a enchente. Tinha um armazém do IBC na frente de casa, um armazém grande, onde trabalhavam aqueles afrodescendentes que, naquele tempo, a gente já chamava de “uns crioulos bem fortes e altos”, que carregavam três sacas de café nas costas, assim, um embaixo de cada braço e um no pescoço, porque ganhavam por produtividade. Todos iam trabalhar de (falha na gravação) ...para ir aos bailes de sexta-feira à noite ou a uma gafieira.

Quando enchia d'água a Rua Auriverde, eu colocava paralelepípedos, colocava tábua e ficava cobrando pedágio. Às vezes, tinha alguns que não queriam pagar na ponta, eu tirava a tábua e falava: “Se não pagar, não vai conseguir atravessar”. Tinha que me dar uma gorjeta.

Depois, eu morei em um lugar chamado Ponte Preta, já em São Paulo, divisa com São Caetano e com o ABC Paulista. Ali, eu tive a oportunidade de, em três anos, pegar seis enchentes na minha casa. Daquela enchente de você acordar com fezes passando perto da sua cama, com rato tentando sobreviver, com barata tentando sobreviver. As coisas que estavam dentro do vaso sanitário saíam para fora. A gente tinha que correr para levantar o que a gente tinha dentro de casa. Naquele tempo eu não tinha nem geladeira, nem televisão, levantava o fogão, que era a coisa mais preciosa, e levantava a minha mãe, para tirar ela, sempre, para não deixar ela se molhar. Pois bem, foram 3 anos.

Tinha uma vila, perto da Vila Ponte Preta, que era uma vila mais alta. E na Ponte Preta, Sérgio, as pessoas iam enterrando a rua, colocando terra, daqui a pouco as casas estavam um metro abaixo do nível da rua. Então,

qualquer enchente era uma desgraça. E o pior é que, quando dá a primeira enchente, todas que vêm depois são maiores do que a primeira. Parece que a água aprende o caminho e vai enchendo.

Mas, naquele tempo, eu tinha 20 anos de idade, então, quando dava enchente, eu tirava a minha mãe, a gente suspendia o guarda-roupa e a cama. Depois, eu pegava uma câmara de pneu grande, de caminhão, e ia tentar salvar pessoas, sobretudo se tivesse moças, eu ia tentar salvar, socorrer. Era um verdadeiro bombeiro da Ponte Preta.

Depois eu mudei para a Vila São José, que era um pouco mais no alto. A Vila São José era um pouco mais alta e tinha asfalto. No ano em que mudei – não esqueço o nome da rua, Rua Padre Mororó, lá em São Caetano –, eu mudei por causa de uma enchente na Ponte Preta, isso no mês de janeiro ou março. No ano seguinte, tinha um metro e meio de água dentro da minha casa.

Bem, aí eu mudei para o Parque Bristol. Lá não dava enchente, mas era uma pirambeira de barro vermelho, que quando chovia eu era obrigado a colocar uma galocha, chegar na padaria, embrulhar a galocha num jornal, botar embaixo do braço, pegar o ônibus, levar para a fábrica, lavar na fábrica, trazer embaixo do braço. Chegava na padaria, colocava a galocha e descia até chegar em casa. Eu tinha um “fusqueta” velho, que não conseguia subir quando chovia muito. Então, esse drama, que eu sei que a gente vive hoje ainda no Brasil e em muitos lugares, é que nos levou a fazer a mais ousada política de investimentos em saneamento básico neste País. E tomamos a decisão, Sérgio – porque o PAC poderia ter sido anunciado antes das eleições passadas ou poderia ter sido anunciado logo depois das eleições – de que a gente não poderia lançar um programa que depois não acontecesse.

Eu me lembro do Hospital de Queimados, que eu cobre agora do Temporão e do nosso companheiro prefeito. Eu me lembro de que fui lá em Queimados, anunciei o Hospital, fizemos uma festa e fui até processado por causa daquele comício, porque disseram que eu o estava utilizando politicamente. O dado concreto é que depois o Hospital não saía, e não saía por quê? Porque o terreno não estava legalizado. Precisou o Sérgio Cabral ganhar as eleições e articular para legalizar o terreno. Agora, o Ministro da Saúde disse que este ano começa, finalmente, o Hospital de Queimados.

É muito desagradável a gente anunciar uma obra, disponibilizar dinheiro

e depois essa obra não acontecer. Você passa por mentiroso. É importante saber por que a obra não sai. Muitas vezes você disponibiliza dinheiro para saneamento básico e depois constata que muitas prefeituras não têm projeto executivo para fazer a obra. Outras vezes você percebe que as pessoas não estão com o projeto preparado, e fica lá o dinheiro. No final do ano, o dinheiro que se anunciou não foi gasto e o povo continua passando necessidade.

No PAC, nós resolvemos fazer diferente. Primeiro, mapeamos, em cada estado, quais eram, do ponto de vista do Ministério das Cidades, as mais graves obras que nós tínhamos que reparar e, sobretudo, uma decisão importante que era escolher a região metropolitana, porque o Brasil tem quase seis mil municípios. Se você fica colocando 5 mil em um, 10 mil em outro, 20 mil em outro, depois você gasta um montão de dinheiro, mas não consegue resolver o problema. E o que nós queríamos fazer? Pegar a região metropolitana, onde está a maior concentração de problemas deste País. É na região metropolitana que tem menos água para beber, que tem menos esgoto, que tem mais violência, que tem mais risco para as pessoas, então nós vamos atacar a região metropolitana do Brasil. Escolhemos a região metropolitana do Rio de Janeiro, de São Paulo, de Minas, de Salvador, de Fortaleza, de Recife, de Sergipe, de Porto Alegre, de Florianópolis, de Curitiba... Onde tiver, dentro de uma capital, um problema sério, é lá que nós vamos atacar.

Pois bem, aqui no Rio de Janeiro... e o que estamos fazendo aqui hoje, fizemos na semana passada em Minas Gerais, que é um governo do PSDB, fizemos em São Paulo, que é um governo do PSDB, e a gente vai fazer no governo do PFL, no governo de quem quer que seja, porque quando a gente ganha as eleições e exerce o mandato de presidente, a gente não olha a cara do prefeito, mas a cara do povo, a gente não olha a cara do governador, mas a cara do povo em função das necessidades.

Nós, então, estamos fazendo esse investimento que, sem dúvida nenhuma, é o mais importante investimento feito na área de saneamento básico no território brasileiro há muitas e muitas décadas. Agora, o que é importante para nós? O que é importante para nós é que essas obras, e o Sérgio disse muito bem... É preciso, Sérgio, agora, que você assuma, com o Conselho Gestor, uma espécie de fiscalização junto com os prefeitos para saber por que a obra não está saindo no momento certo, o que está

acontecendo, o que nós temos que fazer. E os prefeitos precisam começar a utilizar logo, porque no ano que vem tem eleições e, a partir de um determinado momento, qualquer coisa que a gente for fazer, vai ficar mais difícil. Aí não pode mais fazer convênio disso, não pode mais fazer convênio daquilo. Daqui a pouco termina o mandato de vocês e o dinheiro está chocando no banco. Não é isso o que nós queremos, nós queremos que o dinheiro seja utilizado.

No governo federal, nós criamos um Conselho Gestor, que é um conselho coordenado pela Dilma, coordenado pelo ministro da Fazenda e coordenado pelo ministro do Planejamento mais o ministro da área. Na área de cidades e de saneamento básico é o Márcio, na área de transportes é o Alfredo, na área de petróleo é o pessoal da Petrobras e o ministro de Minas e Energia, porque se a gente não tiver uma fiscalização rígida, as coisas não acontecem. Sempre aparece alguém para colocar uma pedra no sapato de uma boa causa, e nós não podemos permitir, porque também, Sérgio, está cheio de gente torcendo para as coisas não darem certo. É uma coisa inacreditável. Tem político que parece torcedor do time adversário, só quer que o time perca.

Na verdade, o que nós queremos... Eu, por exemplo, Sérgio... O Sérgio me perguntou uma coisa hoje: “Presidente, já foi lançado em São Paulo e em Minas Gerais?” Eu falei: já. Ele falou: “E por que não repercutiu na imprensa?” Eu não sei, seria importante perguntar por que não repercutiu na imprensa. Seria importante, porque só em São Paulo foram anunciados quase 7 bilhões e 800 milhões, em Minas Gerais foram anunciados quase 4 bilhões, aqui quase 4 bilhões. Se alguém não quiser colocar nada do Presidente ou do Governador, coloque uma manchete assim: “Rio conquista 3 bilhões e 800 milhões de reais”. Não precisa dizer de onde veio.

Nós estamos fazendo isso em todos os estados da Federação, vamos fazer em todas as cidades grandes e as pequenas não vão ficar atrás. Na Funasa, a Dilma citou aqui, nós temos 4 bilhões de reais para projetos de cidades até 10 mil habitantes. Nessas cidades, desses 4 bilhões – 50 mil habitantes, desculpem, até 50 mil habitantes – uma parte nós vamos gastar e, até 2010, 90% das comunidades indígenas terão esgotamento sanitário e terão

água potável para beber; 50% dos quilombolas que moram em quilombos legalizados vão ter água potável e vão ter esgotamento sanitário; e os restantes 3 bilhões e 300 ou 400 milhões nós vamos dedicar para as cidades que têm incidência de malária muito forte e que têm incidência de doença de Chagas, porque no Brasil ainda tem muitas cidades que têm doença de Chagas. Então, nós vamos pegar da parte pior, para ir trazendo dinheiro para as partes melhores, mas nós temos que atacar o mal principal.

Não adianta a gente falar mal do Complexo do Alemão, não adianta a gente falar mal do Complexo de Manguinhos, porque isso que está aí, aquele povo que está morando lá é vítima do descaso que o poder público tem com ele há 40 anos, há 50 anos, há 60 anos. Na verdade, eles são vítimas. Se a gente não atacar isso de frente agora, e a verdade é preciso dizer, somente com essas obras, com investimento em educação, com investimento em condições de lazer, é que a gente vai poder vencer o crime organizado, senão ele vai nos derrotar, porque a ausência do Estado é total.

Então, é preciso que a gente tenha claro e, mais ainda, companheiros, o Sérgio disse uma coisa importante: o Rio de Janeiro está vivendo um momento excepcional. De vez em quando eu acho que no Brasil nós temos uma predisposição de gostar da desgraça. Muitas vezes, a gente deixa de falar de uma coisa boa para falar de uma coisa ruim. A verdade nua e crua é que o Rio de Janeiro vai receber, nos próximos quatro anos, investimentos que há décadas o Rio de Janeiro não recebia. O Sérgio falou de investimentos da Petrobras, mas ele falou só da perfuração de poços e da prospecção de petróleo. Mas se a gente colocar aqui petróleo e gás, a Petrobras vai investir, até 2010, aqui no Rio de Janeiro, 53 bilhões de reais.

O pólo petroquímico vai ser uma revolução na indústria do Rio de Janeiro. Não apenas pela quantidade de dinheiro que será investido, mas porque vai envolver toda a zona leste do Rio de Janeiro, de Itaboraí a São Gonçalo e Niterói, e porque, com um pólo petroquímico como esse, vem atrás um grande pool de empresas que vão trabalhar diretamente ou indiretamente para essas empresas.

Depois, uma coisa importante: eu vim aqui, faz 15 dias – não é, Sérgio? – inaugurar uma plataforma da Petrobras. Eu confesso a vocês que poucas vezes eu fiquei tão emocionado. Era como se fosse um filho, porque eu briguei

muito para aquilo acontecer. Lá em Angra, em 2002, ouvi desaforo dos adversários, que diziam que a gente não tinha competência para fazer. E, quando eu vi aquela plataforma parecendo uma Torre Eiffel dentro do mar, feita por mãos de brasileiros – que eram chamados de ignorantes antes do nosso governo, que não tinham competência –, por engenharia brasileira e com 76% de componentes nacionais, eu saí dali convencido de que não existe mais espaço para alguém retardar o crescimento deste País, para a gente deixar de transformar este País numa grande economia.

Quero dizer aos companheiros prefeitos: jamais irei perguntar para vocês a que partido vocês são filiados, jamais irei perguntar para que time vocês torcem e, muito menos, a religião em que vocês acreditam. Eu quero ter uma relação com vocês, antes de tudo, civilizada, republicana, democrática, porque vocês não devem favor, vocês têm direitos. Exijam-nos, que fica muito mais fácil a gente cumprir.

Ao governador Sérgio Cabral eu quero dizer um agradecimento. Veja, na nossa vida humana, mesmo dentro de casa, a gente pode ter um monte de filhos, mas sempre tem um que faz um cafunezinho. É aquele que a gente vai tratando... se você é bem tratado, você tem que tratar bem. Não há como você tratar mal alguém que lhe trata bem. E eu, há muito tempo, vinha ressentindo a relação que o governo federal tinha com o governo estadual. As coisas não andavam, Sérgio. Havia má vontade, havia disputas, e a gente não consegue fazer nada quando a disputa política mesquinha toma conta da disputa grandiosa, que é o exercício de administrar os interesses de um país.

Eu tenho recebido do governador Sérgio Cabral a maior demonstração de parceria que um governador tem dado. Tenho recebido, e eu acho que o Rio de Janeiro... Este estado é tão importante para o País, historicamente é tão importante. É importante lembrar que foi para cá que o rei D. João VI veio, para cá mudou a coroa portuguesa, e que é um estado que tem tudo para ser maravilhoso, tem um povo extraordinário. Agora, sabe o que acontece? O descaso foi tornando o Rio cansado. A gente pega as notícias de jornal, eu estava dizendo para o Sérgio, hoje: se eu estou sentado no sofá, em São Paulo, na minha casa, pensando em fazer uma viagem para passar um final de semana no Rio de Janeiro, e eu vejo a reportagem da violência no Rio, eu não venho. Agora, a minha pergunta é a seguinte: será que o Rio é mais violento do

que outros estados brasileiros? Ou será que a coisa aqui ganha uma dimensão infinitamente maior? Será que não é possível a gente imaginar que este estado pode se recuperar e volte a ter a grandiosidade da paixão turística, da paixão dos investimentos?

Afinal de contas, não foi à toa que Deus criou este estado do jeito que criou, essa coisa maravilhosa, que nós estamos jogando fora e que queremos recuperar. Você sabe quantas vezes já anunciaram a recuperação da Baía da Guanabara? Todo ano anunciavam e nós nunca anunciamos e vamos recuperar, porque o Rio de Janeiro precisa que seja recuperada. Agora, você não recupera isso fazendo propaganda na televisão, sem levar em conta que precisa atacar os problemas da Baixada. Eu já fui à Baixada muitas vezes e tem rio lá que eu não sei se é água ou se é piche. Está podre! Agora, como é que eu vou recuperar o Rio de Janeiro sem recuperar lá primeiro?

Então, Sérgio, eu quero dizer para você, meu querido: nem você, nem eu perderemos nada, e muito menos os prefeitos perderão, se nós formos civilizados, se nós formos democráticos na nossa relação e se nós colocarmos o interesse das pessoas mais humildes, em vez de colocarmos o nosso interesse. Tem que colocar o interesse desse povo, porque se a gente colocar o interesse do povo, todo o mundo vai ganhar com isso.

Então, eu saio daqui hoje, amanhã eu vou para Fortaleza, lançar o PAC em Fortaleza, depois para Salvador... Não, primeiro eu vou a Portugal e Bruxelas. Depois, eu vou a Recife, a Salvador, a Porto Alegre, a Florianópolis, a Curitiba, ou seja, vou percorrer o Brasil inteiro dizendo o mesmo que estou dizendo aqui. Depois, nós vamos viajar de volta, cobrando das pessoas as coisas que têm que acontecer, porque se a gente não cobrar, elas podem não acontecer.

No mais, eu queria dizer ao povo do Rio de Janeiro e dizer aos companheiros do Rio de Janeiro: eu penso que o Rio de Janeiro não voltará mais a ser o mesmo, Sérgio. Aquele negócio do Rio de Janeiro ser vendido como um estado decadente, um estado que ninguém quer investir, um estado que está ficando violento, um estado que está ficando... Acabou isso. E isso, Sérgio, vai depender muito da tua cara e da minha cara, do comportamento desses prefeitos e do nosso comportamento e, sobretudo, do comportamento do povo, porque a auto-estima é que pode levar este estado para cima e levar

o Brasil para cima. Se ficarem aquelas pessoas mal-humoradas, azedas, torcendo para acontecer só desgraça, mesmo que não aconteça, elas vão ver a desgraça acontecer. E nós precisamos dizer que este estado será do jeito que a gente quiser que ele seja.

Agora, essa ação de vocês no Complexo do Alemão, tem gente que acha que é possível enfrentar a bandidagem com pétalas de rosas, jogando pétalas de rosas, jogando pó-de-arroz. A gente tem que enfrentar os bandidos, sabendo que estão, muitas vezes, mais preparados do que a polícia, com armas mais sofisticadas do que a polícia. A gente tem que enfrentá-los, sabendo que a maioria do povo que mora lá é gente trabalhadora, gente de bem e que não pode ficar refém de uma minoria.

Então, Sérgio, eu quero te dizer que, não apenas minha solidariedade, minha ajuda, esteja certo de que precise o que precisar, nós estamos dispostos a contribuir para que este Rio volte a ser aquele Rio que todos nós aprendemos a conhecer. O Rio de Janeiro continua lindo, Sérgio, e vamos em frente. Um abraço.